

Bambuzal experimental

*À saída do bosque sagrado encontrou Iracema: a virgem reclinava num tronco áspero do arvoredor;
tinha os olhos no chão; o sangue fugira das faces; o coração lhe tremia nos lábios, como gota de
orvalho nas folhas do bambu.*

José de Alencar

*soprando esse bambu
só tiro
o que lhe deu o vento*
Paulo Leminski

Bambuzal é uma ocupação simultaneamente espacial e objetual; ela se utiliza de um único material – o bambu. Ao longo do espaço da galeria distribui-se uma grande quantidade de bambus, eles se organizam em diferentes formas e tempos transformados agora em ambiente inaudito. Segundo o jogo entre ordem e desordem, diferentes grupos de bambus, entrelaçados, justapostos, enfileirados, produzem uma certa sequência da surpresa. Reunidos enfim, cada qual desses conjuntos origina uma determinada cadência e ritmo, uma estrutura movente que se percebe através dos caminhos ali vivenciados. Ao adentrar esses novos espaços nos intriga um limite oscilante. Por ora a robusta presença da matéria vegetal ou, todavia, a curiosa experiência arquitetural, suas bordas, mesclam-se e nutrem-se respectivamente numa situação viva onde prevalece a poesia como medida. O espaço que nos acolhe junto a arquitetura tornada coisa e vice-versa, como num *Merzbau do Arraial*, apresenta uma dinâmica eloquente na qual construção e afirmação se relacionam reciprocamente envolvidas pela invenção.

Ronald Duarte nos oferece um jogo de varetas lúdico e essencial. Observamos e ao mesmo tempo fazemos parte dele ao percorrer e descobrir seus caminhos. O bambu como signo da coletividade oferece incontáveis qualidades e destinos, fonte inesgotável de possibilidades. Sua simplicidade e resistência somadas a sua flexibilidade e retidão lhe conferem a um só tempo graça, firmeza e resiliência. Suas profundas raízes sustentam aquelas generosas touceiras que se erguem para os céus com seus longos e farfalhantes movimentos ao sabor dos ventos. Lugar mágico das florestas. Lá onde a sombra fresca e a brisa suave dançam a partitura do vento e do ar é também o sítio do mistério... Dentro do oco do bambu nascem os *sacis*. Entidade sobrenatural do folclore brasileiro, infante rebelde, soberano da vivacidade, inteligência e traquinagem. Nanosacis, sacis subatômicos nos surpreendem pelo seu humor peralta, pelas suas travessuras e diabruras no espaço. Ali também atravessa o bambuzal o *caipora*, caboclinho encantado, duende ágil de olhos ardentes, habitante e guardião das matas.

Ronald nos revela igualmente pelas paredes inesperadas projeções, criadas especialmente para o evento, uma série de desenhos-sombras, ângulos inéditos, em bastão de óleo sobre tela, como um eco de um Japão longínquo – *é preto no branco*, justo e direto, perfis dos particulares atravessamentos, palavra cara ao artista que multiplica e fortalece o percurso da descoberta por entre esses novos espaços e novas situações. Deparamo-nos, então, com esse *Bambuzal* em plena Copacabana. Habitamos aqui espaço de resistência, liberdade e convívio; um bambuzal inventado, um bambuzal plural, um bambuzal experimental.

José Damasceno

Rio de Janeiro, 12/04/2018